Editorial

Das conspirações aos atentados

Expresso 21/8/82

NO preciso momento em que a República da África do Sul invade Angola, combatendo em íntima ligação com a UNITA, levanta-se uma grande celeuma em Portugal a propósito da conspiração «Operação Kubango» reportada pelo EXPRESSO e cuja trama se desenrola também no nosso país.

O EXPRESSO publicou uma parte da documentação que possui e conseguiu investigar, sujeitando-a ao juízo crítico dos seus leitores. Como continuará a fazer daqui para a frente. Nessa documentação, que nos sentimos com obrigação de dar a conhecer — pois ela envolve personalidades da área conspirativa, algumas das quais, aliás, conhecidas da polícia e do próprio Governo (leia-se de alguns membros do Governo) — existem pontos obscuros que não são suficientes para infirmar as nossas conclusões, plenamente corroboradas pela invasão maciça da África do Sul. Dissemo-lo no primeiro dia da publicação e voltamos a reafirmá-lo agora.

OS órgãos de Comunicação Social e mesmo o Governo, que imediatamente sairam à liça com desmentidos, não apresentaram provas concludentes e fizeram-no levados mais por motivos políticos. Ao EXPRESSO interessa tão-só o aspecto jornalístico. Pretendeu contar a história de um acontecimento, embora ela possa servir a determinadas forças políticas. Histórias como estas servem a quem servem, conforme a natureza das mesmas. O importante para nós é que essa natureza seja convenientemente investigada, seguindo a metodologia do historiador isento e imparcial. Também como o historiador isento e imparcial está o EXPRESSO disposto a revelar os seus próprios erros aos leitores, sempre que for caso disso.

ENTRETANTO, a invasão da África do Sul aí está com todo o seu cortejo de violações contra os direitos legítimos dos povos. Uma África do Sul que age no continente negro como Israel no Médio Oriente. Uma África do Sul que desencadeia operações no exterior com a finalidade primordial de preservar o seu sistema racista, condenado unanimemente pela comunidade internacional.
Dá mesmo a impressão que pode até avançar com a maior das impunidades, como ontem o fez Israel no Líbano. A comunidade internacional que a condena limitar-se-á a discursos de intenção e ficar-se-á pelas atitudes chamadas de dignidade.

FOI impressionante assistir, durante dias e dias, ao massacre inútil e trágico praticado no Líbano, por via das imagens que a Televisão nos ia apresentando, com populações inteiras a serem dizimadas e uma cidade a cair aos montões — tudo misturado com o Dallas ou a Vila Faia, um filme de «cowboys», ou uma fita policial. O público já vê e assimila sem distinguir uma coisa da outra. Como se tudo fosse da mesma natureza.

É urgente alertar contra este estado de coisas, pois, se não, sujeitamo-nos a criar gerações de consciência embutida. E quando a maioria (criança ou adolescente de hoje) crescer assim formada, o que será o dia de amanhã? Um ponto de reflexão que exige, sem dúvida, uma auto-análise de cada um dos meios de Comunicação Social, dado o papel por eles representado na estratificação das consciências.

MAIS atentados vão acontecendo pelo Mundo. Dois deles dizem-nos particularmente respeito. Um praticado aqui mesmo, quase em frente ao EXPRESSO, na Avenida da Liberdade, contra as companhias de aviação oeste-alemã e francesa, já reivindicado por um comando sionista. Reivindicação, no entanto, de veracidade muito difícil de ser apurada. Na intenção desse comando estaria o castigo a aplicar à Alemanha Federal e à França, em resultado das posições enérgicas tomadas por estes dois países contra a acção de Israel no Líbano.

O outro atentado foi em Moçambique. Vitimou uma militante do ANC e atingiu, entre outros, um colaborador do EXPRESSO e grande amigo de Portugal, o prof. Aquino de Bragança, director do Centro de Estudos Africanos, da Universidade Mondlane, no Maputo. A avaliar pelos dados que temos em mão e perante as aparências (falíveis, por conseguinte) os dois atentados relevam de um paralelismo evidente: de um lado, o sionismo; do outro, na mesma direcção, o racismo (dado que tudo aponta nesse sentido o atentado que vitimou Ruth First).

«Não é com atentados destes», diria Aquino de Bragança no hospital onde se encontra internado, **que o racismo conseguirá impor as suas leis».**

«Trata-se — acentuou — **de um acto de terrorismo a que os intelectuais da África Austral não podem ficar alheios e é preciso alargar o debate aos intelectuais que queiram discutir este sistema»**, sendo necessário, acrescentou **«sensibilizar todos para este fenómeno, nesta zona do Globo». (Ver pág. 1).**

Por outro lado, em homenagem a Ruth First, acrescentou Aquino de Bragança: ela **«não acreditava em jacobinos, queria sempre chegar ao fundo das questões e considerava que o marxismo não se devia impor como catecismo».**

ESTAS palavras de homenagem a Ruth First levam-nos a penetrar um pouco mais além no drama que se desenrola na África Austral. Não interessa ao terrorismo, que cegamente defende o racismo como um dos seus braços armados, medonhos e desestabilizantes, que sejam criadas zonas de abertura nos sistemas políticos clássicos, sistemas que acabam, afinal, por dividir o mundo em blocos. Na África Austral tenta-se essa experiência. O racismo, porém, tem de a cortar pela raiz: tornando-se vigorosa, atrai aliados no Ocidente, não restando, depois, ao «apartheid» motivos para fazer aliados nessa zona sob o pretexto de que alguns países vizinhos estão enfeudados ao marxismo tipo soviético que os confinaria, portanto, ao respectivo bloco. Neste momento, mesmo ao nível dos atentados, estamos a assistir à confluência de intenções e propósitos entre o sionismo e o «apartheid». E é preciso que todos, dos meios de Comunicação Social ao mundo intelectual e do trabalho, sem excluir o empresariado, se debrucem sobre este fenómeno. Como condição da paz e do desenvolvimento.